

**“FAZER DA PENA UM OFÍCIO”¹: A CONQUISTA DO ESPAÇO PÚBLICO
PARA AS MULHERES ESCRITORAS EM GOIÁS.**

Autora: Débora de Faria Maia²

Mestranda.

Universidade Federal de Goiás (UFG).

E-mail: debora.maia06@hotmail.com.

Resumo:

Aos poucos, as mulheres fomentaram práticas e produziram discursos que vão de frente à ideia da passividade e incapacidade intelectual do sexo feminino, promovendo espaços de diálogo e trocas, enquanto lutavam contra os estigmas de seu sexo, engajadas por ideias feministas. Em Goiás, as mulheres protagonizam momentos de grande significância, que tinham por ideal projetar a mulher goiana no cenário cultural e valorizar a intelectualidade feminina. Temos por objetivo contextualizar a inserção das mulheres nas letras, à luz dos estudos das relações de gênero e da crítica/teoria feminista, através da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (AFLAG), idealizada pela escritora goiana Maria do Rosário Fleury (1913-1993), fundada em 1969, pensada como um espaço conquistado, que precisou se legitimar diante dos discursos de não pertencimento, que visavam inutilizar a funcionalidade da academia, bem como a busca pelo reconhecimento e institucionalização desta mulher intelectual.

Palavras-Chave: Mulheres; Escritoras; Feminismo.

A DIFÍCIL TAREFA DE SE TORNAR ESCRITORA.

De acordo com Rachel Soihet, as reivindicações feministas no início do século XX, sofrem forte oposição das instituições brasileiras e das autoridades em geral, “A ciência da época considerava as mulheres, por suposta fragilidade e menor inteligência,

¹ Expressão usada pela socióloga Michelle Asmar Fanini para abordar as investidas femininas na profissão de escritora, presente em seu trabalho: FANINI, Michele Asmar. Fardos e fardões: mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003). São Paulo. Dissertação (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2009. Importante referencial para esse estudo.

² Membro do Grupo GEPEG-UFG (Estudos de Gênero).

Orientadora: Dra. Ana Carolina Eiras Coelho Soares. E-mail: anacarolinaufg@gmail.com.

inadequadas para as atividades públicas, afirmando que o lar era o local apropriado à sua inserção social e o cuidado com a família, sua ocupação prioritária” (2012, p. 219)³.

No contexto literário, as prerrogativas do gênero não foram diferentes em influenciar os limites que eram impostos. A Academia Francesa de Letras, fundada em 1635, desconsiderava as mulheres no cenário público e na literatura. Há um discurso universal, ao que Margareth Rago (1998) observa como masculino, de superioridade, “fazendo com que as práticas masculinas sejam mais valorizadas e hierarquizadas em relação às femininas” (1998, p.05). No século XIX, a Academia Brasileira de Letras (1897), em sua fundação, tomou como base o estatuto Francês, buscando firmar-se à imagem Francesa, ditando comportamentos considerados civilizatórios para o Rio de Janeiro, que vivenciava a *Belle époque*. Neste contexto, não havia muitas possibilidades para as mulheres seguirem carreira, e quando pensavam em fazê-lo, eram desencorajadas em suas investidas profissionais⁴.

A Academia Brasileira de Letras, cujo regimento negava a participação de mulheres na sua agremiação, acabou por promover, conforme expõem Michelle Asmar Fanini (2009), verdadeiras “lacunas institucionais”. Conforme o Art. 2º do Estatuto da Academia Brasileira de Letras:

[...] só podem ser membros efetivos da Academia os brasileiros que tenham, em qualquer dos gêneros de literatura, publicado obras de reconhecido mérito ou, fora desses gêneros, livro de valor literário. As mesmas condições, menos a de nacionalidade, exigem-se para os membros correspondentes.⁵

Foram inúmeras as manobras realizadas pelos escritores- homens- na avaliação das candidaturas femininas, dentre estas temos a frustrada tentativa da escritora Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). A escritora menciona no século XIX que a sociedade possuía “malhas de dois tamanhos, grandes para os homens, e pequenas para as

³ É importante salientarmos que ao falarmos de *mulheres*, neste artigo, junto aos padrões de feminilidade debatidos, estamos nos referindo a uma parcela mínima da sociedade de elite, compondo-se de mulheres em suma maioria, brancas, carregadas de ideais burgueses- isto tanto no contexto nacional apresentado, quanto no contexto das mulheres de Goiás-.

⁴ As mulheres, neste contexto, esposas de representantes políticos ou diplomatas, recebiam uma educação à moda Francesa, aprendiam o piano e a língua, a recitar poesias, adquiriam os hábitos da leitura das principais obras europeias, em suma romances, e serviam como “acompanhantes ilustres” para seus maridos, que exigiam que fossem educadas para este fim.

⁵ *Apud*. FANINI, 2010. p 149.

mulheres”. Sua *não eleição* foi o reflexo desta indiferença, quando a própria participou da organização e da fundação da (ABL), cedendo salões de sua casa para as reuniões e atenta no que dizia respeito à entidade, além de escritora de renome, já na época, teve seu nome retirado das possibilidades de candidatura, fazendo com que a Academia Brasileira de Letras mostrasse suas bases misóginas e preconceituosas.

Fanini expõem que “As candidaturas femininas não foram analisadas em função do mérito literário, mas por meio da remissão ao tradicionalismo, tomado como índice explicativo e, no limite, transformado em dogma”. (2010, p. 164). Tal tradicionalismo foi criticado pelas teorias feministas que emergem nas décadas de 1970-1980. De acordo com Rita Terezinha Schmidt “a necessidade de historicizar significados cristalizados pela tradição, desmistificando o teor hegemônico da história literária e sua violência epistemológica na construção do não-lugar das mulheres na história e na cultura” (2002, p. 109).

Virgínia Woolf (1928), em seu livro *Um Teto Todo Seu*, expõem sua indignação diante das poucas obras publicadas por mulheres, e dialoga com inúmeras situações em que a mulher, mesmo com inclinação para ser escritora, durante os séculos, foi desencorajada, subjugada, e destinada ao obscurantismo. As mulheres que se engajam na escrita no século XX, absorviam do desejo de sair das lides puramente domésticas, já nos remetendo a uma subversão influenciada pelo contexto que as envolvia -o movimento de mulheres e as ondas feministas- construindo novos caminhos e imagens do feminino. Margareth Rago (1998) pontua que há a produção de uma nova linguagem, ou um contra discurso:

“[...] As mulheres trazem uma experiência histórica e cultural diferenciada da masculina, ao menos até o presente, uma experiência que várias já classificaram como das margens, da construção miúda, da gestão dos detalhes, que se expressa na busca de uma nova linguagem, ou na produção de um contra discurso, é inegável que uma profunda mutação vem-se processando também na produção do conhecimento científico”. (RAGO, 1998, pág. 03).

As mulheres nas narrativas literárias foram construídas como passivas, sensíveis, românticas. Norma Telles (1992), afirma que sentença masculina manteve a mulher longe da sensação de estar em plena posse da linguagem. Ser escritora, para as

mulheres, de acordo com Telles, era estar sujeita a uma “ansiedade de autoria”, pois estas mulheres sabiam que ao escreverem, precisavam desconstruir em si inúmeras imposições projetadas culturalmente:

Além da impressão de estar negando o seu gênero, a escritora sentia uma ansiedade decorrente do temor de não poder criar, ou de que o ato da criação poderia isolá-la, até mesmo destruí-la. Tal ansiedade, muitas vezes não conscientizada, além de debilitante, era fonte de distúrbios, doenças e desconfianças que afloram em seus livros e em seus estilos. No século XIX, a maioria das escritoras ainda lutava sozinha e o isolamento era sentido como enfermidade, alienação e loucura. (TELLES, 1992, pág. 55).

De acordo com Greicy Pinto Bellin (2011), a literatura deve ser compreendida como um espaço no qual se articulam posições sociais entre homens e mulheres. A Academia Brasileira de Letras ditou o comportamento literário da época, o fato de aceitarem apenas homens fez com que este comportamento reiterasse o discurso de superioridade masculina. Ana Paula Cavalcante Simione (2008) aponta que as produções masculinas recebiam o qualitativo de “profissionais”, enquanto os escritos femininos eram considerados passatempo.

A crítica feminista das obras literárias iniciada nas décadas de 1970-1980, junto aos estudos de gênero, veio para evidenciar a importância das mulheres nos enredos e nas obras, bem como a sua trajetória e inserção neste meio, como escritoras. “A crítica feminista, e os estudos culturais de gênero trazem a possibilidade de observação do fenômeno de maneira mais atenta, iluminando as produções deixadas às escuras margens da dita Literatura – Com L maiúsculo” (ZINANI, 2010, p. 101). As mulheres protagonizam um olhar feminino sobre a sociedade, ao mesmo tempo evidenciam em seus escritos as demandas imediatas para sua emancipação.

FORMAS DO FEMINISMO: MULHERES GOIANAS, INICIATIVAS E PROTAGONISMOS.

Envolvidas pelo furor da imprensa e a ascensão cada vez mais crescente dos debates políticos acerca da modernidade e o desenvolvimento social e cultural, não só

em Goiás, como no mundo⁶, mulheres se envolveram em iniciativas de emancipação na política, no espaço público, e nas letras.

De iniciativas literárias partimos do início do século, em 1903, em que teremos a fundação da Academia de Letras de Goiás (1903-1908), por Eurídice Natal, moça goiana, que com seus 19 anos, tornou-se a “primeira acadêmica do país”, pois as mulheres não eram aceitas neste meio. Esta foi à terceira academia fundada após a Academia Brasileira de Letras de 1897⁷, e a primeira a ter uma mulher. A respeito desta, a escritora Maria do Rosário Fleury descreve em seu livro sobre Eurídice Natal (1979):

Era a mulher tentando aproximar-se do homem por mais um ângulo, não para ultrapassá-lo em suas liberdades, para censurá-lo ou corrigi-lo, em seus erros, se os houvesse cometido. Era apenas para manter com ele, convivência em terreno ainda não palmilhado pelas jovens goianas, também desejosas de um convívio maior e mais constantes com os senhores letrados e com os livros, a fim de se desenvolverem intelectualmente. (FLEURY, 1979, pág. 30 [grifo nosso]).

Eurídice Natal, assim como muitas destas mulheres das quais mencionaremos, possui sua origem em família mais abastada da sociedade, ela no caso, nascida na família Bulhões, importante clã político da época, sendo uma das oligarquias familiares que mais influenciou na vida social e cultural de Goiás. Esta importante iniciativa aguçou o sentido literário das jovens, que viam em Eurídice um exemplo.

As possibilidades literárias e políticas do século XX influenciaram as mulheres goianas a adentrarem nos escritos da imprensa. O jornal *A Rosa*, fundado em 1907, por Heitor Moraes Fleury, teve a participação de várias contribuintes femininas, dentre elas Ana Lins Peixoto Brêtas (Cora Coralina), Alice Augusta Coutinho, Rosa Santarém Godinho, Leodegária de Jesus, Illydia Maria Perillo Caiado e Judith Fleury, escritoras que na época já abrilhantavam o cenário cultural de Goiás.

⁶ Exemplos são Bertha Lutz, Nísia Floresta Brasileira Augusta, Josefina Álvares de Azevedo, Maria Lacerda de Moura. Em 1920, Bertha Lutz e Maria Lacerda de Moura uniram-se para criar a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher. Essa entidade funcionaria como um grupo de estudos, diferentemente das Associações Cristãs e outras entidades voltadas para a filantropia, que, segundo Maria Lacerda de Moura, nunca resolveriam os problemas básicos das mulheres. Era preciso que as mulheres recebessem “uma educação racional” que as levasse à “sua perfeita emancipação intelectual”. (SOIHET, 2012, p. 221).

⁷ A segunda do país foi fundada em 1901 a Academia Rio-Grandense de Letras. (Composta unicamente por homens).

Um conjunto de fatores sociais e políticos fizeram com que inúmeras mulheres de camadas abastadas da sociedade participassem da vida cultural. Em Goiás aspirávamos aos ideais Republicanos, jornais como *O Tribuna Livre*, que circulavam na capital desde o século XIX, expunham temáticas como a educação para a mulher. A formação do magistério foi um caminho para a sua emancipação.⁸ No espaço cultural, Rodrigues (1986)⁹, expõem que os saraus literários atraíam a participação das moças, com recitais que vão de ópera [Wagner era muito apreciado], até as modinhas, como a famosa “*noites goianas*”¹⁰, cantadas por elas, além de grupos musicais que foram se formando.

No cenário mundial vivenciávamos os debates feministas pela educação e o voto feminino. As mulheres em Goiás do início do século XX acompanhavam as mudanças, e estavam caminhando para o debate acerca do voto. Tivemos um expoente jornalístico em que um dos debates mais presentes foi o voto feminino, o jornal *O Lar*¹¹, em circulação de 1926 até 1932 na Cidade de Goiás, dirigido por Oscarlina Alves Pinto, e que teve colaboração de jovens escritoras da época, como Graciema Machado, Genezy de Castro e Silva, e Maria de Paula Fleury de Godoy¹².

O feminismo manifestado pelas mulheres goianas representa um comportamento que Santos (2018) aponta como um “Feminismo Comportado”¹³, presente nas páginas do jornal *O Lar*, e nos ideais de convivência e socialização entre as moças da época. Um feminismo caracterizado pela inserção gradual das mulheres na vida pública e fora do

⁸ Tendo sido importante na consolidação de sua formação de mestra, a Escola Normal Oficial, criada em 1884, e o Colégio Santana, para moças, em 1889. Dedicaram-se ao máximo como educadoras e foram mestras notáveis: Maria Romana da Purificação Araújo (1800-1873), Angélica de Souza Lobo, Silvina Ermelinda Xavier de Brito (Mestra Silvina- 1835-1920), Maria Cyriaca Ferreira, Maria Victória de Moraes Brandão, Pacífica Josefina de Castro (Mestra Nhola 1845-1933), Anna J. Xavier de Barros Tocantins (Don’Anna 1847-1949), Marianinha Marimbondo e Maria Henriqueta Peclat (1886-1965). (RODRIGUES, 1986, p. 35).

⁹ Ver: RODRIGUES, Maria Augusta Calado de Saloma - A Modinha em Vila Boa de Goiás. Goiânia: UFG, 1982.

¹⁰ Escrita por Joaquim Bonifácio Gomes de Siqueira.

¹¹ Para mais detalhes ver: SANTOS, Danielle Silva Moreira dos. Construindo o Lar e conquistando a Rua: Discursos e práticas “Femininas” em Goiás no Jornal escrito por Mulheres “O lar” (1926-1932). Dissertação de mestrado. 2018. 174f. (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-graduação em História, 2018.

¹² Mais conhecida pelo pseudônimo de Marilda Palínea.

¹³ “Havia uma preocupação com relação a esse feminismo que deveria ser um “bom feminismo” capaz de garantir direitos às mulheres sem causar grandes “abalos” e sem privar a mulher de suas funções matrimoniais e maternas. O feminismo não deveria enfraquecer a supremacia, o poder masculino sobre as mulheres, essas continuariam tuteladas, submetidas à família”. (SANTOS, 2018, p. 124).

lar, que também sustentava debates calorosos e de cunho político. Sobre o jornal, nas palavras de Almeida “A temática é um chamamento à mulher, pedindo-lhe presença e amor à causa por que lutavam, e demonstra bem que, desde então, em defesa dos seus direitos, ela já era requerida” (1988, p. 40). A escritora Graciema Machado¹⁴ considera o jornal como “marca indiscutível do triunfo do feminismo em Goiás”.¹⁵

Eliana Gabriel Aires (1996) ressalta que as mulheres em Goiás, apesar de todo este avanço, ainda expunham um “discurso amordaçado” (1996, p. 57) sob a tutela dos olhos masculinos. De acordo com Céli Regina Jardim Pinto, este “bom feminismo” do início do século XX, “[...] nunca define a posição de exclusão da mulher como decorrência da posição de poder do homem” (2007, p. 14), e em Goiás este tinha bases patrióticas e moderadas. O seu feminismo veio para inseri-las na vida pública, nas letras, promovendo a valorização da intelectualidade feminina, na medida do possível, dentro de uma ótica patriarcal que não seria, até então, contestada.

Na nova capital, Goiânia, formada em 1933, muitas destas mulheres se mudam para cá em busca de melhores oportunidades e contribuem para o crescimento intelectual das goianas bem como o crescimento de seu Estado. No contexto goiano, a Academia Goiana de Letras, fundada [idealizada] em 1939 por Colemar Natal e Silva, seguia os mesmo preceitos da Academia Brasileira de Letras em não aceitar o sexo feminino entre seus imortais¹⁶. A escritora Nice Monteiro Daher¹⁷, em escrito deixado na Revista Oeste (1942-1945), importante órgão de informações no início da nova capital Goiânia, aponta que as mulheres no mundo estavam conquistando novos espaços, para além do lar e do ambiente doméstico, fruto dos movimentos de mulheres e feminista. Daher crítica à apatia que sentia de certas mulheres goianas em relação a essas mudanças:

[...] A mulher está à altura de qualquer emancipação no mundo. Pode ser do Lar, e pode multiplicar-se em todos os setores onde queira exercer sua

¹⁴ Patrona e primeira titular da Cadeira nº 15 da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás em 1969.

¹⁵ MACHADO, Graciema. O lar e o feminismo. O Lar. Cidade de Goiás, p.3, 15 de Agosto de 1927, nº25.

¹⁶ Termo utilizado para designar os escritores que fazem parte de uma entidade acadêmica. São sempre 40 o número de cadeiras com seus respectivos patronos de onde serão ocupados os primeiros titulares, seguindo o comportamento da ABL- Academia Brasileira de Letras. A Academia Goiana de Letras, fundada em junho de 1939, iniciou com 25 patronos e titulares, compondo 40 cadeiras apenas em 1978.

¹⁷ Patrona da Cadeira de nº 33 da Academia Feminina [AFLAG].

atividade. Basta querer. A verdade, porém, é que não queremos coisa nenhuma. Interessa-nos apenas vaguear como bonecas cacheadas com um vestido de florões deste tamanho!¹⁸

Sentimos neste escrito uma forma de manifesto. Como mulher, vinda da antiga capital, Goiás, sente as oportunidades sendo perdidas pelas goianas destas gerações. O meio intelectual de Goiânia fervilhava com os avanços da modernidade, e o papel do feminino na sociedade alterava-se. Porém, para as mulheres, presenciaremos inúmeras restrições que ainda pairavam nos costumes e valores culturais. Destacamos aqui a trajetória de Maria do Rosário Fleury (1913-1993), escritora esta, que assim como Júlia Lopes de Almeida e diversas mulheres, empreitou a tentativa de eleição à ocupação de uma cadeira no óbice dos intelectuais, no caso, a Academia Goiana de Letras, não sendo aceita.

A sua não eleição na “plêiade dos intelectuais goianos” faz reiterar papéis de gênero, refletidos na sociedade, nos remetendo ao discurso de inferioridade intelectual, naturalizado pela medicina e pela religião a respeito da “condição feminina”.¹⁹ A Academia Brasileira ditou um comportamento, em que o gênero feminino não possuía o intelecto necessário para ser “imortalizado”, ao que Rita Terezinha Schmidt afirma que “A instituição literária como uma instituição social e política, também participa desse aparato discursivo/ideológico ao incorporar o que é considerado um dado inquestionado na cultura” (2013, p. 03). Nesta perspectiva, as academias literárias pelo Brasil refletiram aquilo que estava construído de forma cultural.

Maria do Rosário Fleury (1913-1993)²⁰, nascida na Cidade de Goiás, filha de Heitor Moraes Fleury, primeiro Juiz de Direito de Goiânia, e Josephina Caiado Fleury, parente do clã caiadista de Goiás, educada no tradicional Colégio de Santana, participante ativa da cultura, tinha o que era necessário para ser escritora [ou vir a tornar-se]. Estas mulheres que se investem na vida cultural são ao que Michelle Perrot

¹⁸ Revista Oeste, 1943, p. 13. [grifo nosso].

¹⁹ Para mais ver: RIBEIRO, Silvana Mota. Ser Eva e dever ser Maria: paradigmas do feminino no Cristianismo. In: Anais do IV Congresso Português de Sociologia, Universidade de Coimbra, Abr/2000. Disponível em: < <https://is.gd/rRAG8q> > Acesso: Jan/2019.

²⁰ Mais conhecida como Rosarita Fleury.

(1998) pontua, compreendidas e representadas por si mesmas como uma “elite cultural”, e a sua atuação nas letras dependem do grau de alfabetização que lhes foi concedido.²¹

Mudou-se para Goiânia em 1936, com seus 23 anos. Aqui participou da Revista Oeste (1942-1945), recebendo premiações por suas poesias, dentre elas, o poema *Goiânia*, em 1945. Foi a primeira romancista mulher, e o primeiro escritor goiano a receber um prêmio de reconhecimento dado pela Academia Brasileira de Letras, por sua obra *Elos da Mesma Corrente*, escrita em 1958. Este foi o *Prêmio Júlia Lopes de Almeida* que era concedido pela (ABL) para obras escritas por mulheres.²² Esta premiação fez com que a escritora pleiteasse uma vaga que se encontrava disponível, como titular, na Academia Goiana.

O jornalista e escritor Antônio Juruena de Guimarães, que mantinha a coluna *Binóculo* do jornal *O Popular*, escreve uma crônica a respeito da escritora, em 1959, incentivando-a a pleitear à respectiva vaga da cadeira em seu lugar. Em diálogo com o escritor, publicado pelo mesmo na coluna que mantinha, temos o presidente da (AGL), na época Zoroastro Artiaga, respondendo-o:

Foi magnífica a sua ideia e ela bem merece a consagrada sugerida, devido a suas atividades culturais, desde o princípio de Goiânia, quando muito nos ajudou na revista “Oeste”, com a sua preciosa colaboração.

Acontece que a AGL não inclui senhora em seus quadros, e seria preciso mais dois anos para uma reforma dos Estatutos [...] ²³

O presidente reconhece os atributos da escritora, porém ressalta que deveria ser feita uma mudança no estatuto, mudança esta não sendo possível de realizar, ora por falta de oportunidade, ora por desconsiderar ser de urgência. Esta mudança foi ocorrer

²¹ Desta maneira destacamos que as mulheres das quais mencionamos aqui são advindas de família abastadas. Tanto pelo grau de alfabetização elevado, quanto pelas diretrizes comportamentais de uma elite de época, como marcas em suas trajetórias.

²² De acordo com o levantamento feito pela Socióloga Marcela Asmar Fanini em seu estudo acerca da Academia Brasileira de Letras “Foram contempladas as seguintes escritoras: em 1954, Ondina Ferreira, com a obra *Medo*; em 1955, Zilah Corrêa de Araújo, com *A loja de ilusões*; em 1957, Heloneida Studart, com a obra *Diz-me teu nome!* em 1959, Maria do Rosário Fleury (Rosarita Fleury), com a obra *Elos da mesma corrente*; em 1960, Stella Leonardos, com *Estátua de Sal* e Maria Eugênia Porto Oliveira Ribeiro, com *A sensitiva*; em 1961, Berenice Grieco, com *Caliban* e Stela Tostes, com *Paixão de mulata*; em 1962, Maria Cibeira Perpétuo, com a obra *E continuamos a viver...*; em 1963, Maria Silveira Nunes Galvão, com *Um ensaio de vida* e Cecília Bezerra de Rezende, com *O mundo cresceu quando o meu filho nasceu*; e, por fim, em 1964, Elza Heloísa, com *Pé de moleque* e Maria Ramos, com *Banhado em flor*.” (FANINI, 2009, p. 334) [grifo nosso].

²³ “Escreve-me um Imortal”. Carta publicada na Coluna: De Binóculo. Jornal *O Popular*. Set/1959. [Acervo da AFLAG].

apenas na década de 1970, na presidência de Ursulino Tavares Leão. Em resposta à respectiva publicação e à crônica de Juruena, Rosarita Fleury escreve um tanto irônica, sendo esta também publicada na coluna *Binóculo*:

[...] há nos Estatutos daquela Casa, um certo artigo que veda nós do sexo fraco, o ingresso à Imortalidade. Pensando logo, estão certos. Se com toda a carga de mortalidade que Deus nos legou há humílimas marias por aí, causando rosários de aborrecimentos, que diríamos, então, de uma Maria Imortal?.²⁴

Rosarita Fleury usa o termo “sexo fraco”, presente nos discursos científicos, médicos, religiosos, e culturais, referindo-se ao feminino, bem como, em tom irônico, aponta “[...] que diríamos, então, de uma Maria Imortal?”, fazendo referência à forma pejorativa como as mulheres, “Marias da vida”, são associadas, e que estas seriam a causa de “aborrecimentos”, sendo as mulheres seres com um “carga de mortalidade”, muito grande, para se tornarem “imortais”, como a escritora aponta. Anos mais tarde, em 1969, a escritora idealizava e fundava a Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, que, segundo relatos de Maria Elizabeth Teixeira, sua filha, no livro que escreveu *Rosarita Fleury: Minha mãe* (2015), a ideia havia surgido de uma reunião informal, na qual se discutia a injustiça à inteligência feminina.

A ACADEMIA FEMININA: ENTRE FLORES E PEDRAS.

O espaço público pertencia aos homens. As mulheres são destinadas ao ambiente privado, da casa, dos filhos, resguardando a honra da família e do marido. Foi atribuído a elas o designo de um “Sexo gentil”, ou Frágil, estas eram sensíveis, recatadas, naturalmente emotivas e voltadas à histeria. Simione (2009) revela a situação das mulheres que adentram as artes brasileiras, e de acordo com a autora, as mulheres ocupavam “espaços possíveis”, sempre em grau inferior aos dos homens.

A primeira academia fundada composta inteiramente por mulheres foi a Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul (ALFRS), pela escritora Lydia Moschetti, em 1943, funcionando até os dias atuais. A Academia de Porto Alegre, de

²⁴ FLEURY, Rosarita. “Elos de uma Grande Amizade”. Carta publicada na Coluna: De Binóculo. Jornal O Popular. 22/09 /1959. [Acervo da AFLAG].

acordo com a historiadora Camila Albaní Petró (2016), teve como objetivo dar visibilidade às intelectuais gaúchas do período, compreendendo-se, ao que a historiadora pontua como um “sodalício feminino”, que sustentava valores morais e patrióticos. De acordo com Michelle Perrot (1995), a “mulher pública” sempre foi associada à vergonha, a desonra e a ausência de moral, ao contrário do “homem público” investido de virtude e respeitabilidade. Segundo a historiadora “as mulheres diante da história deixaram em suas autobiografias o testemunho do que foi para elas difícil o aprendizado da palavra pública, mas também o prazer que elas sentiam ao fazê-lo” (PERROT, 2005, p. 324).

A Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, fundada por Rosarita Fleury, em 1969, armazena em seus ideais, a continuidade das trajetórias das primeiras escritoras goianas e seu pioneirismo na luta pela emancipação social, política e cultural das mulheres goianas. Maria do Rosário Fleury²⁵, junto à suas colegas Nelly Alves de Almeida e Ana Braga Gontijo, idealizaram e consumaram a agremiação, que a princípio lutaria pela intelectualidade feminina. A (AFLAG) teve um quadro inicial de 40 ocupantes, que por sua vez tornaram-se patronas das cadeiras.²⁶ Muitas destas mulheres já vinham atuando em Goiás desde o início do século XX, algumas destas escreviam nos jornais já citados. As críticas pejorativas investiam na capacidade intelectual da mulher, e menosprezavam a sua posição na tomada de decisões.

A luta das mulheres pela valorização de sua escrita em âmbito nacional teve seu auge no movimento feminista. Estas mulheres consumam, através da sua escrita, um grupo social distinto que afirmava a sua competência por meio da literatura, e através dos pequenos projetos de militância intensivas no campo intelectual, tendo a pretensão de enaltecer o pensamento histórico pela produção e atuação feminina. Nas palavras de Rosarita Fleury fica evidente o desejo de um espaço para encontros, em Goiás:

²⁵ Escritora Goiana (1913-1992), consagrada pelo prêmio Julia Lopes de Almeida, em 1959, dado pela Academia Brasileira de Letras, pela obra *Elos da Mesma Corrente*, sendo a primeira vez que um autor goiano se consagra desta forma, e no caso, é uma mulher. A escritora não foi aceita na Academia Goiana de Letras, mesmo após a consagração. Aqui se inicia um longo debate a respeito da inelegibilidade do sexo feminino nas agremiações acadêmicas pelo Brasil, confirmado pela Academia Brasileira de Letras que só aceitou mulheres a partir de 1979.

²⁶ Para mais ver: MAIA, Débora F. Rosarita Fleury e as Mulheres da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás. V.5 N.1 (2018 - Edição Especial): Científic@ -Multidisciplinary Journal. Disponível: < <https://is.gd/gbSZh4> >. Acesso em: Janeiro/2019.

O desejo que sentíamos Nelly Alves de Almeida, Ana Braga Gontijo e eu, de encontros mais frequentes com literatas e artistas. Com a vida tumultuada de agora e as distâncias sempre grandes entre as residências, poucas são as oportunidades para esses encontros e palestras. Com um ponto certo para reuniões tudo ficaria mais fácil.²⁷

Para a escritora Maria Guilhermina, a Academia Feminina “assemelha-se a flor que tenho aqui no bosque. Ela ladeia o caminho de pedras que leva ao atelier. São agrupamentos de rosinhas brancas, dezenas num cacho só, perfumadas, tão perfeitas que a noite é luz, é o próprio caminho, é a vida”²⁸. A descrição inspira a pureza e a emoção, as mulheres são associadas a rosas perfumadas que caminham entre pedras. Logo, podemos compreender a AFLAG como um espaço conquistado, porém o ideal feminino da sensibilidade e da devoção se fazem presentes como um comportamento entre elas. Este comportamento muitas vezes serviu de estratégia, visando a sua aceitação.

A Academia Feminina responderia ao progresso de Goiás, compondo um quadro de senhoras “patricias”, que se autodenominam “idealistas”. Ana Braga Gontijo, Co-fundadora e oradora oficial da Academia, em reportagem no jornal *O Popular* de 1969, reflete acerca da fundação da Academia Feminina e do que seria a mulher que sustenta essa instituição:

A Mulher há de ser a essência do amor e do equilíbrio cristão e da consequência de suas magnas cogitações. Por isso, ela é a companheira do homem e com ele quer andar, paralelamente, nas lutas e nas vitórias, conquistando para ambos e para o mundo a grandeza da vida. [...] ²⁹

Acerca do movimento feminista, Rosarita Fleury compreende a importância, porém, assim como outras de sua época, na década de 1970, critica a radicalização do movimento, entendido por elas como um “comportamento vulgar”³⁰. É constante a

²⁷ “Entrevista com a escritora Rosarita Fleury”. Reportagem de Entrevista concedida à Maria Helena Cheim, publicada na Coluna: Literatura, em [197-]. Jornal não identificado. [Acervo da AFLAG – Memorial Rosarita Fleury].

²⁸ FRNANDES, Maria Guilhermina Gonçalves. “Academia Feminina: A Flor que Ladeia a Estrada de Pedra”. [Acervo da AFLAG- Anuário de 1975-1976, p. 17]. Patrona/1º Titular da Cadeira nº22.

²⁹ BRAGA, Ana. *O Popular. Uma Colaboração*. 30/11/ 1969. Goiânia, Caderno 10. Suplemento Literário. [Acervo do Arquivo da Praça Cívica, Goiânia]. [grifo nosso].

³⁰ Na década de 1970, período em que a [AFLAG] se concretiza, vivemos o que Constância Lima Duarte definiu como a “terceira onda Feminista”. O apelo ao amor livre, aborto, divórcio, temáticas consideradas pelas mulheres da Academia Feminina como “vulgares”, se referindo, por exemplo, ao movimento de retirar os sutiãs em praça pública. Há uma distorção da visão do feminismo, quando estas ressaltam que homens e mulheres devem caminhar em pé de igualdade, porém as mulheres devem manter o seu encanto e recato, não competindo com os homens. Richard Miskolci trabalha com o conceito de “pânico moral” para dialogar com as sociedades conservadoras de contextos específicos. Podemos atribuir este *pânico* ao

afirmação de que o feminismo não deve lutar pela superioridade, mas pela cooperação e igualdade. Sobre o mesmo, afirma Ana Braga Gontijo:

Não defendo essa vulgaridade que destrói o encanto da mulher, penso que nós, mulheres, não temos que competir com os homens na liberdade de comportamento- é preciso ter recato para exercer alguma atração-. Agora, quanto à reivindicação no campo social, penso que a mulher está até atrasada na luta por seus direitos.³¹

A Academia Feminina de Letras forma-se como um espaço feminino, de mulheres que se descrevem como intelectuais, que exprimem opiniões acerca dos valores, ideais, expectativas sociais, críticas e principalmente, proporcionam espaços de protagonismos e iniciativas para a mulher goiana. Em 2019 a agremiação completará seus 50 anos de vida. Rosarita destaca constantemente as mulheres que dela fazem parte, durante os 23 anos que foi presidenta até o seu falecimento em 1993. No escrito que deixou no Anuário-AFLAG de 1983-1984 sobre “A Participação da Mulher na Cultura Goiana”, exalta todas as antepassadas, e reafirma o compromisso da academia, pontuando “E temos, nas integrantes do quadro da AFLAG a maior força de nossa cultura, não só no terreno literário quanto no musical, teatral e artístico”³².

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A experiência das mulheres na história ganhou visibilidade a partir do movimento feminista e de mulheres, principalmente por volta das décadas de 1960-1970. Criticar a ausência das mulheres nas letras nacional, e mais adensadamente, no caso, regional, é ir de frente a um modelo de discurso valorativo da literatura, pois as obras escritas por mulheres eram praticamente desconsideradas, bem como a sua pessoa como intelectual e criadora. Essa autoridade intrínseca ao sujeito masculino, de se dizer autor e criador “exerceu um poder regulador na produção, recepção e legitimação de

receio das práticas [sexuais, religiosas, culturais, políticas] alternativas, consideradas “desviantes” da moral. Na passagem “essa vulgaridade que destrói o encanto da mulher” acima citada, fica evidente que a concepção do que é *moral* e considerado *feminino* para a escritora se encontrava ameaçado pelas práticas do feminismo da década de 1970, considerado “vulgar” e destruidor do encanto da mulher.

³¹ BRAGA, Ana. *O Popular*, Goiânia, 30 de Janeiro de 1983, apud. MENEZES, Irmã Áurea. *Ana Braga: A tempera da mulher Tocantinense*, 1991, p. 69. [Biblioteca da AFLAG].

³² “A Participação da Mulher na Cultura Goiana”. [Anuário-AFLAG de 1983-1984, p. 75- 85].

obras literárias” (SCHMIDT, 2013, p. 06), destinando ao silêncio e ao obscurantismo as mulheres e diminuindo suas produções.

O feminismo emerge como movimento de emancipação, um novo projeto de mulher, que vai à procura de uma identidade autônoma e envolve-se nos debates que efervescia o cenário político da época. A construção de uma nova identidade é visível através destas experiências aqui selecionadas. Fica evidente que, além deste “caminhar pelo progresso de Goiás”, sustentando pela (AFLAG), as mulheres formam uma rede de apoio, um lugar que sustenta a luta feminina pela publicação e valorização de suas obras. Há neste espaço um discurso que se deseja romper com esta racionalidade que emprega à inferioridade das mulheres.

A Academia Feminina de Goiás, ao mesmo tempo em que proporciona a participação e projeção das mulheres no cenário regional/nacional, também reitera ideais femininos mantidos pelas mulheres que dela fazem parte. Um “Feminismo moderado”, uma “colaboração”, a sensibilidade e a devoção, são evidenciados como atributos de um “feminino correto”. Este comportamento, como tática, estratégia, ou movimento, apresenta a mulher que reivindica uma produção única e própria, passando pelo crivo do olhar de uma sociedade patriarcal e misógina, que a reconhece pela sua feminilidade ou pela falta dela, assim como ao se tornar pública, fica sujeita ao descrédito e diminuição de sua imagem. Através desta iniciativa literária, percebemos como o próprio conceito de “mulher” é formulado por uma identidade social e cultural, construída em um jogo de relações de poder.

A primeira mulher a ser aceita na Academia Brasileira de Letras e por sua vez reconhecida no Brasil todo, foi Rachel de Queiroz em 1977 com seu romance *O Quinze*³³, de 1930. Antes a Academia Goiana de Letras já havia reconhecido a escritora Regina Lacerda em 1973, e Rosarita Fleury foi aceita apenas em 1979, ou seja, as “Marias” começaram a ser institucionalizadas como imortais e reconhecidas muito recentemente. São anos de luta e ressignificação de sua identidade, através da legitimidade intelectual que tanto aspiravam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

³³ Este romance foi recebido com desconfiança na época. O escritor Graciliano Ramos escreve: “Seria realmente de uma mulher? Não acreditei. Lido o volume e visto o retrato no jornal, balancei a cabeça. Não há ninguém com esse nome. É pilhéria. Uma garota assim fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado”.

- AIRES, Eliana Gabriel - *O Conto Feminino em Goiás*. Goiania: UFG, 1996.
- BELLIN, Greicy Pinto. *A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem*. Revista: Fronteira, São Paulo, n. 7, dezembro de 2011.
- CHARTIER, Roger. *Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica)*. Cadernos págu, 1995, p. 37-47. Disponível:< <https://is.gd/os1G111> > Acessado: jan/2019.
- DUARTE, Constância Lima. *Feminismo e Literatura no Brasil*. Revista: Estudos avançados, 2003. Disponível: < <https://is.gd/gwgbQY> > Acessado: março/2018.
- FANINI, Michele Asmar. (2009), *Fardos e fardões: mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003)*. São Paulo. Dissertação (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- MISKOLCI, Richard. *Estética da Existência e Pânico Moral*. In: RAGO, Margareth; NETO, Alfredo Veiga (orgs.). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte, 2005. Ed: Autêntica, p. 227-238.
- NICHOLSON, Linda. *Interpretando o gênero*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9, jan. 2000.
- PERROT, Michelle. *As Mulheres ou os Silêncios da História*. Bauru. SP, Ed. EDUCS. 2005.
- PETRÓ, Camila Albani. *SEMPRE MAIS ACIMA, SEMPRE MAIS ALÉM: pensamentos e práticas de gênero na Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul em Porto Alegre ao longo das décadas de 1940 a 1970*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, 2016.
- PINSKY, Carla Bassanezy. *Mulheres dos Anos Dourados*. São Paulo: Contexto, 2014.
- RAGO, Margareth. *Epistemologia Feminista, Gênero e História*. Florianópolis. Ed: Mulheres, 1998, p. 1-17.
- _____. *As mulheres na historiografia brasileira*. SILVA, Zélia Lopes (org.). *Cultura História em debate*. São Paulo: UNESP, 1995, p. 81-98.
- PINSKY, Carla Bassanezy. *Mulheres dos Anos Dourados*. São Paulo: Contexto, 2014.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995. Disponível em: < <https://is.gd/3uvoDR>>.

SCHMIDT, R. T. *A crítica feminista na mira da crítica*. Ilha do Desterro, Florianópolis, v. 42, p. 103-128, 2002.

_____. A história da literatura tem gênero? Notas do tempo (in) acabado de um projeto. Anais do X Seminário Internacional de História da Literatura PUCRS, 2013, p. 1-11. Disponível: < <https://is.gd/eztbJy> >. Acesso em: Janeiro/2019.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Profissão Artista: pintoras e escultoras acadêmicas brasileiras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2008, 360p.

SOUZA, Talita Michelle de. *História de mulheres escritoras em Goiás: atravessando trajetórias e produções literárias*. Dissertação de mestrado. 2017. 208 f. (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-graduação em História, 2017.

TELLES, Norma. *Autor + A*. In: JOBIM, José Luís. (org.). *Palavras da Crítica*. Rio de Janeiro: Imago. Ed, 1992.

_____. *Escritoras, Escritas, Escrituras*. In: PRIORE, Mary (org.); PINSKY, Carla Bassanezi (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011. 10ª edição.